ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

O DISCURSO RELIGIOSO SOB AS LENTES DA MÍDIA

Religious discourse under the media lens

Sílvia Mara de Melo[i]
Universidade Federal da Grande Dourados
Virginia Jacinto Lima[ii]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: temos como objetivo, neste artigo, refletir sobre as formações discursivas dos enunciados proferidos por Silas Malafaia, pastor evangélico brasileiro que vem provocando muito interesse da mídia atualmente por suas declarações polêmicas. Ocupamo-nos dos enunciados do pastor porque ele transita por vários campos do saber, tais como: o religioso, o político, o jurídico e o científico, sendo que a formação discursiva religiosa se faz dominante em sua fala, o que é esperado, visto que ele é um pastor evangélico. Ao assumir o discurso religioso, Malafaia se torna resistente às mudanças sociais, provocando diferentes posicionamentos na sociedade. Como *corpus* da pesquisa, empregamos uma entrevista que o pastor concedeu à apresentadora Marília Gabriela, e que está disponível em vídeo no *Youtube.* Após a seleção da entrevista, fizemos a transcrição das falas para poder viabilizar nossa análise. Empregamos os conceitos de Orlandi (2001, 2002), Fernandes (2008) e Melo (2012) para refletir sobre as formações discursivas do pastor, tomando como aporte teórico conceitos advindos da análise do discurso de tendência francesa.

Palavras-chave: Análise do discurso; mídia; discurso religioso

Abstract: We have as aim, in this paper, to reflect on discursive formations of enunciations from Silas Malafaia, evangelical Brazilian pastor that have been provoking much interest by the media in his polemic statements. We concentrate on pastor enunciations because he passes his comments on vary knowledge fields, such as: religious, political, juridical and science, but religious discursive formation is dominant in his speech, which is expected since he is an evangelical pastor. When he assumes religious discourse, Malafaia becomes resistant to social changes, provoking different positions in society. As research *corpus*, we take an interview that pastor gives to the hostess Marilia Gabriela, which is available in video at *Youtube*. After interview selection, a transcript was done in order to proceed the analysis. We based on concepts of Orlandi (2001, 2002), Fernandes (2008) and Melo (2012) to reflect on pastor discursive formations, using as theorical approach the concepts from French discourse analysis.

Keywords: Discourse analysis; Media; Religious discourse.

Introdução

No dia 03 de fevereiro de 2013, o pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, foi entrevistado pela jornalista Marília Gabriela, em seu programa de TV De frente com Gabi, veiculado na emissora Sistema Brasileiro de Televisão, SBT. Vários temas foram abordados durante a entrevista, entre eles, o homossexualismo. Houve intensa repercussão dessa entrevista em outras mídias, e muitas críticas de cientistas, pastores e líderes religiosos foram dirigidas a Silas Malafaia. Tal polêmica pode ser visualizada na internet, em que muitos internautas postaram comentários e opiniões. Isso se deve às declarações do religioso que, além de pastor, tem formação em psicologia e é empresário. Em seus enunciados, ressoam as vozes do discurso científico, jurídico e, principalmente, o religioso, devido aos papeis sociais assumidos por ele.

O pastor fez declarações que foram contestadas, uma delas pelo geneticista Eli Vieira, que publicou um vídeo na internet respondendo ao equívoco científico proferido por Malafaia, ao afirmar que 46% dos homossexuais foram vítimas de abuso e isto determinou sua sexualidade. Nas redes sociais, internautas expressaram distintas opiniões, a maioria discordando do religioso. Tendo em vista toda a polêmica instaurada em torno desse sujeito, temos por objetivo analisar a entrevista do pastor à jornalista, principalmente no que diz respeito às formações discursivas. Para embasar nosso trabalho, empregamos como pressupostos teóricos principalmente os dizeres de Eni P. Orlandi (2001, 2002) e Cleudemar A. Fernandes (2008), ambos estudiosos da análise do discurso no Brasil.

Noções de discurso, sujeito e ideologia

Discurso, segundo Fernandes (2008), é um campo de conhecimento cientificamente constituído, que precisa de elementos linguísticos para ter uma existência material. O discurso não é fixo, ele se move e sofre transformações sociais e políticas. Ele considera os elementos sociais e ideológicos da história. Para analisar o discurso, é preciso interpretar os sujeitos falando, e também qualquer outra forma de expressão de linguagem, pois a ideologia se materializa no discurso. Orlandi (2002) afirma que:

> [...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é

> assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2002. p. 15)

A noção de discurso, segundo Fernandes (2008), enquanto efeito de sentido entre locutores, é construída por conjuntos de enunciados produzidos na dispersão de acontecimentos discursivos. A produção de sentidos do discurso depende do lugar e da ideologia que o sujeito ocupa no meio social e histórico. E a ideologia é fundamental para a noção de discurso, que implica a exterioridade à língua. Os aspectos ideológicos e sociais presentes nas palavras constituem os sentidos dos enunciados.

> [...] discurso não é a língua nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se, então, por meio de uma materialidade linguística (verbal e/ou não verbal), cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (linguísticos e/ou semióticos) estruturalmente elaborados. (FERNANDES, 2008. p. 16)

Para Orlandi (2002), a análise do discurso procura compreender a língua enquanto trabalho simbólico, a língua funcionando para a produção de sentidos, como uma maneira de significar. Nesse sentido, a linguagem é concebida como mediação necessária entre o homem e a realidade social e natural. Essa mediação é o discurso, um objeto sócio-histórico, no qual se pode observar a relação entre língua e ideologia. Embasada na perspectiva Pecheutiana, Orlandi concebe a língua sempre em relação com a ideologia. Vejamos:

> [...] a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Michel Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2002, p. 17).

Com a contribuição da Psicanálise, segundo Orlandi (2002), houve o deslocamento da noção de homem para a de sujeito nos estudos discursivos. Este sujeito discursivo expressa vozes integrantes de dada realidade histórica e social. Ele está sempre em constante movimento e deslocamento, assumindo diferentes posições. De acordo com Fernandes,

> [...] o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida com diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo, o que nos leva,

> com Bakhtin, à constatação de que o sujeito é polifônico. (FERNANDES, 2008. p. 27).

O sujeito é heterogêneo, pois seu discurso é constituído pelo entrecruzamento de diferentes discursos, desse modo, ele é considerado polifônico. A identidade do sujeito resulta das posições que ele ocupa, visto que o sujeito é produzido no interior dos discursos. Posições diferentes resultam em identidades diferentes, nesse sentido, o sujeito terá múltiplas identidades, em movimento e em deslocamento constantes.

O sujeito não é o centro do seu dizer, não exerce controle a respeito do que fala (sujeito descentrado), pois em seu discurso há o 'outro', compreendido como exterioridade social. Esta exterioridade social está no interior do sujeito. Ele se constitui em o 'eu' e o 'outro'. O sujeito, assim como a linguagem e o sentido, não são transparentes e é preciso considerar que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

> Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer efeitos do simbólico, ou seja, se ele não submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2002. p. 49).

Segundo Michel Foucault (1969 *apud* ORLANDI 2002), o sujeito discursivo é pensado como "posição", um "lugar" que ocupa para ser sujeito do que diz. A posição e o lugar que o sujeito assume em um discurso contribuem para a construção do sentido e revelam a ideologia do sujeito. O sujeito, ao mostrar- se, inscreve-se em um espaço sócio-ideológico, é um ser social, portanto, não é individual. Possui existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história. De acordo com Fernandes (2008), o sujeito está comprometido com a Ideologia em seu discurso. Vejamos:

> O que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a ideologia, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena. Portando, ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso. (FERNANDES, 2008, p. 17).

A análise do discurso reflete como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. A construção de sentido depende da interpretação, e esta interpretação condiciona a

ideologia, que é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Ela é a relação necessária entre a linguagem e o mundo.

A ideologia é compreendida como uma prática significante, uma relação necessária entre o sujeito, a língua e a história para que haja sentido em um discurso. Desse modo, a realidade depende da ideologia. Ela faz com que haja sujeito, na medida em que interpela o indivíduo em sujeito, inaugurando a discursividade. Sobre isso, Orlandi afirma:

> Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham ambos a ilusão da transparência da linguagem. (ORLANDI, 2002. p. 48)

Segundo Orlandi (2002), as formações discursivas representam as formações ideológicas nos discursos. São heterogêneas e constituídas pelas contradições.

Formação discursiva

Formação discursiva, doravante FD, é formada por um entrecruzamento de diferentes discursos e formações ideológicas. Nesse sentido, uma formação discursiva revela, em seu interior, diferentes discursos, caracterizando a interdiscursividade. Orlandi (2002) afirma que uma FD permite a compreensão do processo de produção dos sentidos e a relação com a ideologia, oferecendo a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A partir de uma conjuntura sócio-histórica, a formação discursiva determina o que pode ser dito. Para Orlandi, (2002, p.43) "[...] as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas, desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente, não há sentido que não o seja".

Uma FD (formação discursiva) carrega o encargo de dar sentidos aos enunciados. O sentido de uma palavra depende da ideologia presente na formação discursiva em que ela se inscreve. Usando o exemplo de Orlandi, (2002), a palavra *terra* não possui o mesmo significado para um indígena e um fazendeiro. A respeito disso Melo constata:

> Com isso entendemos que os sentidos não podem estar apenas nas palavras, mas compreendidos como discurso, os sentidos partem sempre de formações discursivas [...] é possível se afirmar que palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em FDs diferentes (MELO, 2015. p. 12).

Uma FD apresenta elementos provenientes de outras FDs, visto que todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem, pois os discursos dialogam entre si. Dessa forma, é possível dizer que todas as formações discursivas são heterogêneas. Segundo Fernandes (2008), a composição das formações depende de determinadas épocas e espaços sociais, além de condições de produção específicas, historicamente definidas.

Feito este esboço dos pressupostos que nos interessam mais de perto, veremos como os conceitos advindos da análise do discurso francesa dialogam com o *corpus* que examinaremos a seguir.

Diálogos e debates no discurso religioso

O *corpus* da nossa pesquisa consiste em uma entrevista do pastor Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, concedida à jornalista Marília Gabriela, em seu programa de TV De frente com Gabi, que era veiculado no canal SBT- Sistema Brasileiro de Televisão.

Marília Gabriela, que além de jornalista e apresentadora é escritora e atriz, recebeu no dia 03 de fevereiro de 2013 o pastor em seu programa, para uma entrevista que foi muito comentada na mídia de modo geral. A entrevista circulou em *sites* da internet, no *youtube* e rendeu críticas de cientistas, de pastores e de líderes religiosos, dirigidas a Silas Malafaia.

A jornalista inicia a entrevista com o pastor Silas Malafaia apresentando-o para o público. Ao afirmar que ele "combate abertamente à homossexualidade e o aborto", é revelada a postura religiosa de Malafaia, que luta contra esses dois comportamentos "pecaminosos" condenados pela Bíblia.

Na sequência, ao abordar a publicação feita pela revista Forbes, que dizia que Silas Malafaia ocupa o "3° lugar entre os pastores evangélicos mais ricos do Brasil", Marília Gabriela questiona a contestação do pastor a essa notícia. O pastor não aceita essa publicação. Segundo ele, "o que a Forbes está falando, primeiro, é mentira". A revista Forbes, ao apresentar a possível fortuna de Malafaia, cria uma imagem do pastor, como um homem milionário, um empresário, um homem de negócios. Esta imagem desconstrói o que ideologicamente se espera de um pastor, um servo humilde, preocupado com a obra de Deus e com seu rebanho. Isso se dá porque a própria Bíblia Sagrada, obra que "regulamenta o discurso religioso", desvaloriza o apego às riquezas e ressalta que o mais importante são os sentimentos de bondade em relação a Deus. Vejamos uma passagem da Bíblia Sagrada:

> Jesus olhou para ele e o amou "Falta uma coisa para você", disse ele. "Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me [...] Jesus olhou ao redor e disse aos seus discípulos: Como é difícil aos ricos entrar no Reino de Deus!" (BÍBLIA, MARCOS 10: 21, 23).

A suposta riqueza de Malafaia, apresentada pela mídia (revista Forbes, tal como dissera a apresentadora), não vai ao encontro do que é esperado de um pastor, isso se considerarmos o discurso religioso, na medida em que silencia que a fonte de tal fortuna seja duvidosa, visto que, como se sabe, o salário de líderes religiosos é pago pelos dízimos e ofertas dos fiéis. A imagem construída pela revista Forbes levaria a entender que a aquisição dessa riqueza é feita de modo incorreto, como constata o próprio Malafaia:

> [...] porque esse é o objetivo, é colocar um bloqueio na sociedade, que tudo que é pastor e o que ele tem ou foi roubado dos fiéis, que é um bando, desculpa a expressão, de otários. Certo? [...] Então ele diz assim: 'Esse malandro aí, esse vagabundo aí tem 300 milhões porque roubou os fiéis'. Então essa é a ideia. Eu não vou receber fama daquilo que eu não tenho. Porque para um milionário Gabi, para um empresário sair, 'olha eu estou entre os 100 mais ricos do mundo', isso dá até mais crédito para o cara. Os bancos: 'Pô esse cara aqui está entre os milionários'. Para mim é o contrário, o efeito é negativo (MALAFAIA, 2013).

Segundo Marília Gabriela, a revista Forbes não menciona que Malafaia é "malandro" ou "vagabundo", é o próprio pastor que ressalta essa imagem, pois está silenciado na revista que não combina com um religioso ser tão rico, o que vai de encontro ao discurso religioso. Para Malafaia, ser considerado um homem rico tem "efeito negativo", porque há a negação da riqueza terrena no discurso religioso. Isso pode ser observado no seguinte enunciado bíblico:

> Jesus respondeu: Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me [...] é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus (BÍBLIA, MATEUS 19: 21-24).

A análise do discurso considera que o sujeito discursivo é formado por uma rede de memória proveniente de diferentes formações discursivas. Esse sujeito não é fonte do sentido, e seu discurso envolve distintas posições do sujeito (GRICOLETTO, 2007, p. 125). Dessa forma, o sujeito Silas Malafaia carrega em si formações discursivas de caráter

científico e religioso. Ao se expressar, ele revela suas formações ideológicas, ativando a memória discursiva.

Silas Malafaia, quando questionado pela entrevistadora acerca da "teologia da prosperidade[1]", utiliza como recurso para seu argumento citações de versículos bíblicos. Ele cita o salmo 112:

> Bem aventurado o homem que teme ao senhor, e que obedece aos seus mandamentos, a sua geração será poderosa, a sua descendência será grande na terra. Fazenda e riqueza terão na sua casa, e sua descendência permanece para sempre. O salmo primeiro, que é um salmo muito lindo, diz que aquele que medita dia e noite nas leis do senhor [...]' Olha o que diz o salmo, é muito interessante. É como árvore plantada junto a ribeiros, que dá o seu fruto na estação própria, cujas folhas não caem e tudo quanto fizer prosperará (MALAFAIA,2013).

Ele procura dar credibilidade para sua fala ao mencionar sua honestidade e sua despreocupação com a riqueza, afirmando ser apenas um mensageiro de Deus. Nesse sentido, a postura de Silas Malafaia dialoga com o que diz Orlandi sobre o discurso religioso. "Como a voz do pastor/padre é a voz de Deus, há nesse discurso uma mistificação em que uma voz está no lugar da outra. Quando eles falam é 'como se' Deus falasse, uma forma de representação, uma relação simbólica". (ORLANDI, 2001, p 244)

Em seus enunciados o pastor corrobora essa postura dizendo: "Bem, deixa eu dizer, não sou eu que digo isso, é a Bíblia". O discurso religioso caracteriza a voz de Deus, o pastor e ou padre falam em nome da entidade superior (Deus); aquele discurso, no qual ele acredita, não é seu. Silas Malafaia se coloca, então, apenas como o mensageiro da palavra. A respeito disso Orlandi(2001) completa:

> No discurso religioso há um desnivelamento fundamental na relação interlocutor e ouvinte, pois o locutor (Deus) é do plano espiritual e o ouvinte (homem) é do plano temporal. Ambos pertencem à ordem de mundos distintos, um estabelecendo domínio sobre o outro. Deus domina o homem. (ORLANDI, 2001, p. 243).

Malafaia ao dizer "quando eu digo para o meu fiel que ele está dando oferta e dízimo porque Deus vai abençoá-lo, é uma verdade, porque é isso que a Bíblia aponta", está assumindo a posição de representante de Deus no discurso religioso. Ele está no lugar de Deus, se apropriando do discurso bíblico enquanto pastor.

No discurso religioso, o locutor é Deus, o homem é apenas o ouvinte e/ou mensageiro de sua palavra. O discurso nunca é do homem, mas sempre de Deus. Como o próprio Malafaia afirma: "Pastor é apenas um condutor do que Deus faz na vida das pessoas. Eu não faço nada, Gabi, eu creio em um Deus que faz." Nesse sentido, não há reversibilidade no discurso religioso, pois o homem não pode ocupar o lugar de Deus. Há apenas, nesse discurso, segundo Orlandi, a ilusão de reversibilidade:

> O homem pode ter contato direto com Deus através da oração, porém, isso não modifica o seu poder de dizer, o lugar de onde ele fala. Deus continua sendo locutor e o ser dominador e o homem continua a ser o ouvinte e ser dominado na hierarquia do plano espiritual e terrestre, mantendo a propriedade de não-reversibilidade (ORLANDI, 2001, p. 247).

> O representante, ou seja, aquele que fala do lugar de Deus, transmite suas palavras, o representa legitimamente, mas não se confunde com Ele, não é Deus. Essa, do meu ponto de vista, é a expressão fundamental da não-reversibilidade. E daí deriva a 'ilusão' como condição necessária desse tipo de discurso: o como se fosse nunca ser (ORLANDI, 2001, p. 253).

Segundo Malafaia (2013), "o homem deve buscar a espiritualidade para ser próximo de Deus, ser livre do pecado", a fé apresenta-se como uma qualidade desse espírito. Para ele, a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição em mudar em direção à prosperidade e salvação. Está silenciado, na voz do pastor Malafaia, que o fiel, ao entregar sua oferta e dízimo, está crendo que dá-los é a semente para colher algo melhor, com todos os benefícios presentes na fala dele: "bem estar, alegria de viver, paz"[...]"Não é o dinheiro que importa, o importante é paz na sua casa, você tem alegria de viver, você tem bem estar, você tem uma coisa aqui emocional, você tem equilíbrio emocional, você não deve para agiota [...] Isso é prosperidade."(MALAFAIA, 2013)

Posteriormente, o pastor reverbera que o fiel ganha mais com o seu dízimo e oferta do que a igreja. Para ele:

> Deus Trabalha com uma lei de recompensa, o apóstolo Paulo diz uma coisa linda, diz assim 'Uma coisa eu faço. Eu deixo as coisas que para trás ficam, eu prossigo para as que estão na minha frente pelo prêmio'[...]Você sabe que Deus, ele fala de uma lei de recompensa o tempo todo, porque Deus conhece o ser humano (MALAFAIA, 2013).

O pastor traz novamente uma citação bíblica para dar credibilidade à sua fala, reforçando que apenas segue os preceitos de Deus. Ele aponta

que os fiéis dizimistas e ofertantes têm a família restaurada quando afirma: "o desarranjo familiar, minha filha, a igreja trabalha para recuperar essas pessoas, sem o Estado dar um real" (MALAFAIA, 2013). Malafaia quer fazer crer que os fiéis contribuintes são libertos das drogas, bebidas e outros desarranjos familiares.

O emprego das mazelas sociais como forma de persuasão dos fiéis é lugar comum no discurso religioso. Frequentar a igreja e dar o dízimo funciona como moeda de troca para recuperar o filho das drogas, reconciliar a família e recuperar o alcoolizado. O pastor reforça a imagem da igreja salvadora, aquela que resgata os sujeitos das fraquezas terrenas e os liberta dos problemas.

Malafaia assume os "dizeres de Deus", ele não é dono do seu discurso, mas mensageiro dos ensinamentos de Cristo. Esta "ilusão da reversibilidade", como aponta Orlandi (2001), faz do discurso religioso um dos mais autoritários, tendo em vista que Deus não é um "indivíduo" que pode ser questionado ou inquirido a dar respostas. O pastor ao tomar o discurso bíblico, incorpora a voz de Deus.

Homossexualismo nos enunciados de Silas Malafaia

Enquanto pastor evangélico, Silas Malafaia apresenta um discurso contra a prática da homossexualidade, visto que, segundo a Bíblia Sagrada, esse comportamento não agrada a Deus. Nesse sentido, nos enunciados do religioso, há argumentos e elementos persuasivos para expressar sua ideologia em relação ao assunto. Os trechos bíblicos a seguir revelam esse posicionamento:

> Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante [...] Se um homem se deitar com o outro como quem se deita com uma mulher, ambos praticarão um ato repugnante. Terão que ser executados, pois merecem a morte (BÍBLIA, LEVÍTICO 18: 22-20:13).

Primeiramente, Malafaia diz que a homossexualidade não é uma doença, mas um comportamento, e para sustentar sua ideia, ele apresenta dados supostamente científicos. Há, nesse momento, o imbricamento de formações discursivas, ocorrendo o diálogo entre o discurso religioso e o discurso científico, o que caracteriza a interdiscursividade. O sujeito não acredita numa patologia sexual e emprega o discurso científico como recurso persuasivo, afirmando que quem pode dizer se alguém nasce *gay*

não é a psicologia, mas a genética. Isso é observado quando ele afirma: "Ninguém nasce gay, não existe ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e fêmea". Mais adiante, durante a entrevista, ele cita um estudo de uma garota homossexual, ele dialoga com Freud, para consolidar sua opinião a respeito da reorientação sexual. Segundo o pastor,

> Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela era homossexual pela relação dela com o pai. Manda rasgar o compêndio de Freud. Manda eles rasgarem. 'Ta' lá, estudo de Freud. Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual. Então, vai dizer que não pode ser reorientado? (MALAFAIA, 2013)

Isso marca as formações discursivas da ciência (psicologia) e da religião. É sabido que, além de pastor, Malafaia também tem formação em Psicologia, portanto, se sente bastante à vontade para tentar persuadir a apresentadora Marília Gabriela e os telespectadores, empregando enunciados deste campo do saber. Ele toma os dizeres de Freud como verdade para se posicionar frente a um tema tão em voga, a homossexualidade.

Em outro momento da entrevista, o entrevistado emprega o discurso jurídico para defender sua opinião de que os homossexuais buscam leis que ferem os direitos dos demais cidadãos. Malafaia reverbera: "[...] a minha questão no Brasil é o direito que eles querem em detrimento da coletividade." O pastor cita o projeto de lei PLC 122/2006, que, segundo ele, apresenta trechos em que alguns direitos são assegurados com exclusividade para os homossexuais, e que os demais, heterossexuais, ficam em segundo plano. Malafaia compara o artigo 20, parágrafo quinto da PLC 122 que "[...] está dizendo o seguinte: que se um homossexual sofrer constrangimento vexatório de ordem ética, moral filosófica, 3 a 4 anos de cadeia", com o artigo quinto, inciso 8 da constituição de 1988, que diz: "Ninguém será privado por convicções filosóficas, religiosas e políticas". O pastor cita os dois trechos revelando suas convicções religiosas contra o homossexualismo, ele entende que o direito do homossexual se sobrepõe ao de qualquer outro cidadão. Mais adiante confirma essa ideia quando cita a linha B do artigo da PLC 122: "Ninguém pode impedir a afetividade de um homossexual, transgênico e ou bissexual. Esse direito será dos demais cidadãos. Quer dizer, a preferência passou a ser deles".

Marília Gabriela questiona o pastor a respeito da possibilidade de haver homossexual na igreja onde Malafaia é pastor. Ele responde que há

pessoas que foram ou que estão tentando deixar de ser homossexuais. Em suas palavras:

> Na bíblia, adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passivo de ser excluído daquela congregação. Então, se um pastor tiver um caso de homossexualismo, ele perde o cargo (MALAFAIA, 2013).

O pastor se refere ao trecho bíblico seguinte:

> Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. (BÍBLIA, 1 CORÍNTIOS 6:9-10)

Malafaia dialoga com base no texto bíblico, ele diz: "A autoridade da bíblia é para condenar o pecado". Mais adiante enuncia:

> Então eu não estou aqui para acusar A, B ou C, mas, eu estou aqui para condenar o pecado. Então, na minha visão, ok? Na minha crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na bíblia, homossexualismo, adultério, a prostituição são pecados claríssimos à luz da bíblia (MALAFAIA, 2013).

Nesses trechos, é revelada a formação ideológica do sujeito Silas Malafaia, que é empregada na tentativa de persuadir o interlocutor de que o homossexualismo é uma prática que não condiz com as leis de Deus. A respeito da persuasão no discurso religioso, Citelli (2007) afirma que o discurso religioso é o mais persuasivo de todos, pois "o paroxismo autoritário eleva-se, visto que o enunciador, Deus, não pode ser questionado, e a sua voz plasmará as demais vozes, inclusive daquele que fala em seu nome." (CITELLI, 2007. p. 61)

O discurso de Malafaia mostra que ele é contra as práticas que são condenadas pela bíblia, como o homossexualismo, a prostituição, o adultério etc. Afirma discordar desses comportamentos, mas amar as pessoas que os praticam: "Eu amo os homossexuais, mas, discordo 100% de suas práticas. Eu amo os homossexuais, como amo os bandidos, amo assassinos, vamos embora". Ao citar as atitudes condenadas pela bíblia, o pastor acaba igualando os homossexuais aos assassinos. O posicionamento que ele quer passar, sua ideologia, dialoga com o discurso bíblico de que a Bíblia condena o pecado, mas ama o pecador. Uma reflexão teológica que deriva das atitudes de Cristo revela isso, visto que ele morreu pelos injustos. O amor de Deus em prol dos pecadores é revelado nos seguintes versículos: "Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu

filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas que tenha a vida eterna." (BÍBLIA, João, 3,16) e "Deus prova seu amor por nós, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores." (BÍBLIA, ROMANOS: 5:8)

O pastor apresenta-se resistente às mudanças que ocorreram na sociedade, por incorporar a formação ideológica religiosa em seus enunciados. Vejamos mais uma passagem da entrevista:

> Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, porque eu acredito que Deus fez homem e mulher, esses seres é que se completam [...] Então, não adianta vir agora com fotografia de jornal e mostrar dois caras com uma criança feliz. Essa história para mim não me convence. Eu não acredito que dois homens e duas mulheres tenham capacidade para desenvolver um ser humano. Não acredito! Eu acredito num homem e numa mulher. Eu não acredito nisso (MALAFAIA, 2013).

Embora nos enunciados de Malafaia ressoem as vozes do discurso jurídico e científico, ele apresenta-se mais como pastor, ele incorpora o discurso religioso. Sua posição revela fortes traços da formação ideológica cristã. Nesse sentido, o posicionamento do religioso frente aos temas abordados é sempre à luz da bíblia, condenando totalmente as atitudes a que ela se opõe, intransigentes e nada flexíveis.

A sociedade, de modo geral, rejeita a opinião do pastor, e a isto pode se atribuir a polêmica repercutida na mídia depois da entrevista à Marília Gabriela. Silas Malafaia frequentemente se inscreve como um sujeito polêmico, com um discurso sem reversibilidade, pois o que ele afirma é o que está na Bíblia, sua ideologia revela a vontade de Deus, como neste trecho: "Bem, deixa eu dizer, não sou eu que digo isto, é a Bíblia [...] A Bíblia. Estou falando de Bíblia, daquilo que eu creio. Estou falando daquilo que eu creio que a Bíblia fala".(MALAFAIA,2013).

Considerações finais

A partir da leitura e do estudo da entrevista do pastor Silas Malafaia à jornalista Marília Gabriela, foi possível compreender as formações discursivas existentes na fala do religioso e entender a polêmica instaurada entorno desse sujeito.

É possível concluir, a partir do estudo teórico da análise do discurso, que o religioso apresenta, em seus enunciados, elementos da formação discursiva científica, religiosa e jurídica, mas a formação discursiva religiosa é dominante em sua fala. Tal fato se deve à posição social que ele ocupa, embora formado em psicologia e tendo interesse pela

política, Malafaia é um líder religioso, um pastor, e assume essa posição ao ser entrevistado.

A crítica em torno do posicionamento ideológico do pastor se deve, em parte, ao fato de que, ao assumir o discurso religioso, ele se torna resistente às mudanças sociais, como o casamento homossexual, por exemplo. Como vimos, o discurso religioso não é maleável, não há margem para questionamentos, ele é fixo e imutável. Portanto, o posicionamento do pastor, sua ideologia, são considerados rigorosos e preconceituosos para a sociedade, e isso se deve às formações discursivas em que o sujeito Silas Malafaia se inscreve.

Os conceitos de Formação Discursiva e Ideológica advindos da análise do discurso foram cruciais para nossa reflexão sobre essa entrevista, bem como o conceito de ilusão de reversibilidade, proposto por Orlandi (2001) ao estudar o discurso religioso. Este estudo não se encerra com esta pesquisa, já que Silas Malafaia continua causando polêmica na mídia. O pastor e seus enunciados podem ainda ser objeto de reflexões de outros estudos.

Referências

A BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16.ed. São Paulo: Ática, 2007

EXTRA. *Após entrevista à Marília Gabriela, Silas Malafaia recebe resposta de geneticista*. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/apos-entrevista-marilia-gabriela-silas-malafaia-recebe-resposta-de-geneticista-7500323.html#ixzz3fyB4fMlK> Acesso em 04 dez 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso***:** Reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Introdução a estudo de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GRICOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: Maria Cristina Ferreira e Freda Indursky .*Análise do discurso no Brasil*: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007

MELO, Sílvia Mara de. A polêmica instaurada nas formações discursivas religiosa e política. In: Sílvia Mara de Melo, Marcelo Marques, Fulvio

Torres (Orgs). *Análise de discursos midiáticos*: *a charge, a revista, o cinema: redes sociais em foco.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 07-29.

MELO, Sílvia Mara de. *Produção textual na escola***:** *Do discurso pedagógico ao religioso*. Curitiba: CRV, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso religioso. In:**.** *A linguagem e seu funcionamento***:** *as formas do discurso.* 6ed. Campinas: Pontes, 2001. p. 239 – 262.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso*: *Princípios e procedimentos.* Campinas: Pontes, 4ed, 2002.

SILAS MALAFAIA. *De Frente com Gabi*. Marília Gabriela. São Paulo: Sistema Brasileiro de Televisão - SBT, 03 mar. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14> Acesso em: 29 ago 2014

[i] E-mail da autora: silviamelo@ufgd.edu.br

[ii] E-mail da autora: vihlima@live.com